

## **3º DOMINGO APÓS PENTECOSTES**

**09 DE JUNHO DE 2024**

**MARCOS 3.20-35**

### **1 CONTEXTUALIZAÇÃO**

Estamos no começo do ano comum da Igreja. Ainda não tão longe do Pentecostes a ponto de não lembrarmos mais dele, mas já nos domingos após ele, naquele período em que o foco deixa de ser a história da salvação (desde a vinda do Senhor no Advento e Natal até o envio do Espírito Santo no Pentecostes) para ser o crescimento da Igreja e os ensinamentos de Jesus. De fato, estamos tão no começo desse período que, devido à mobilidade da data da Páscoa, essas perícopes nem sempre são observadas pela Igreja, pois isso requer que no ano da trienal B o domingo da Santíssima Trindade caia no máximo dia 4 de junho. De fato, isso só acontecerá nesse 2024 (com a Santíssima Trindade no dia 26 de maio) e em 2027 (com a Santíssima Trindade no dia 23 de maio). Depois essas perícopes do próprio 5 deixarão de ser observadas por um longo tempo na sequência da série trienal, até 2042, quando a Santíssima Trindade cairá no dia 31 de maio. Ou seja, essa é a penúltima oportunidade de trabalhar com esses textos na série trienal por um longo período.

### **2 OS TEXTOS DA TRIENAL**

#### **2.1 SALMO 130:**

Um dos salmos de peregrinação do saltério e o sexto dos sete salmos penitenciais, possibilitando o uso criativo dele na confissão e absolvição do dia.

Apreciado por Lutero por anunciar claramente o pecado humano, a graça e a redenção, foi usado pelo reformador na composição de um hino que hoje temos como o 349 do Hinário Luterano. Como cântico de peregrinação, para ser cantado pelos peregrinos indo para Jerusalém nas festas, note como o Salmo leva poeticamente os peregrinos que olham a estrada que subirão monte acima para Jerusalém a conectarem isso com o fato de olharmos lá de baixo das profundezas dos nossos pecados para Deus lá no alto. Acho que quando você tem que subir vários quilômetros a pé ou no lombo de um burro, conectar isso com a nossa pecaminosidade se torna uma ilustração bem eficaz para a nossa distância de Deus que é superada não pelo nosso subir, mas pelo Seu descer a nós em Cristo Jesus para nos levar de volta consigo para o Pai. É como já estar completamente esgotado da caminhada no início da subida e ter Jesus vindo a você para buscá-lo de carro. A ideia de se encontrar nas profundezas clamando ao Senhor (v.1) pode servir de oportunidade para falar sobre depressão, mas é igualmente útil para outras situações de sofrimento extremo como morte (esse salmo é usado por vezes em liturgias de sepultamento) e tragédias.

## **2.2 GÊNESIS 3.8-15**

Um trecho do relato da queda do ser humano. A perícopé começa com o Senhor indo ao encontro de Adão e Eva agora que acabaram de mergulhar nas profundezas do pecado e vai até o protoevangelho (Gn 3.15). Aqui encontramos o ser humano afastado de Deus e a família dividida. Adão e Eva se escondem de Deus. Adão joga a culpa na mulher que Deus lhe deu, o que equivale a culpar ao mesmo tempo a esposa e Deus. Eva igualmente joga a culpa na serpente (que Deus fez!). O ápice da passagem, é claro, está nas palavras derradeiras do Senhor: “Porei inimizade entre você e a mulher, entre a sua descendência e o descendente dela. Este lhe ferirá a cabeça, e você lhe ferirá o calcanhar” (Gn 3.15 NAA). Aqui o Senhor declara quem está dividido contra quem: a serpente X a

mulher; o que procede da serpente (pecado) X o que procede da mulher (sua descendência). Esta inimizade é, na verdade, uma boa notícia. Nas profundezas do pecado, o ser humano está “na casa” (sob o domínio) de Satanás. Mas quando o descendente da mulher, que é mais forte que Satanás, adentra seu domínio e o amarra, saqueia-nos da casa dele fazendo-nos mais uma vez família de Deus (Mc 3.27). Assim o Salvador prometido no protoevangelho reedifica a casa de Deus reconectando-nos a Deus e ao próximo, começando pelos próximos mais próximos de nós (cônjuge, filhos, família etc.).

### **2.3 2CORÍNTIOS 4.6—5.1**

O Salmo 130 começa com o clamor das profundezas e o Antigo Testamento (Gn 3.8-15) mostra Deus indo ao ser humano naquele primeiro momento mergulhados nas profundezas do pecado para lhes trazer o Evangelho que os tira de lá pela ação de Cristo Jesus. A epístola aponta para essa condição de mergulhados nas profundezas consequente do pecado na vida cotidiana do cristão, referindo-se a isso como “a nossa leve e momentânea tribulação”, contrastando isso com o “eterno peso de glória, acima de toda comparação, na medida em que não olhamos para as coisas que se veem, mas para as que não se veem” (2Co 4.17-18a NAA).

Paulo aqui se refere especificamente aos sofrimentos provenientes da fé em Cristo Jesus. Mas essa “leve e momentânea tribulação” pode ser adequadamente usada para se referir a outras condições de sofrimento, na medida em que essas podem ser usadas pelo inimigo maligno para nos fazer duvidar de Deus. A depressão, de que lembramos em conexão com Sl 130.1, muitas vezes é vista como falta de fé. Quando tragédias acontecem, nunca faltam aqueles “explicando” porque os que passaram pela tragédia “mereceram” que Deus os castigasse assim. Essa não é a palavra de Deus, mas a do inimigo querendo usar os sofrimentos do tempo presente para nos separar de Deus,

como a mulher de Jó lhe dizendo: “Você ainda conserva a sua integridade? Amaldiçoe a Deus e morra!” (Jó 2.9 NAA).

Mas o Deus que ouve o nosso clamor das profundezas para vir ao jardim onde Adão e Eva se escondiam e ao mundo onde “andávamos desgarrados como ovelhas” (Is 53.6) sob o poder do diabo para derrotar aquele que nos subjugava através da cruz, também ouve nosso clamor em meio às leves e momentâneas tribulações deste tempo presente e não nos abandona em meio a elas. Na verdade, Ele até as usa para edificar a sua casa pedra viva por pedra viva (1Pe 2.5; Ef 2.21-22) através da confissão de fé em palavras de confiança e ações de solidariedade em meio à tribulação. De fato, as palavras do salmista Davi citadas pelo apóstolo Paulo logo no começo dessa perícopa, “Eu cri, por isso falei” (2Co 4.13 NAA; cf. Sl 116.10), são de Davi manifestando sua confiança no Senhor mesmo em meio a grandes dificuldades. Quando Paulo diz, “também nós cremos e, por isso, também falamos” (2Co 4.13 NAA), ele igualmente refere-se ao seu falar porque crê em meio às adversidades.

Especialmente em contexto de grandes perdas, o texto dessa epístola busca injetar ânimo no ouvinte ao colocar as coisas sob perspectiva. “Porque as coisas que se veem são temporais, mas as que não se veem são eternas. Pois sabemos que, *se a nossa casa terrestre deste tabernáculo se desfizer, temos da parte de Deus um edifício, uma casa não feita por mãos humanas, eterna, nos céus*” (2Co 4.18b—5.1). Vejam, o apóstolo Paulo está falando do extremo de perda que pode ocorrer, a morte do corpo, e ainda assim essa perda é mínima comparada ao corpo ressuscitado que nos espera nos céus “sabendo que aquele que ressuscitou o Senhor Jesus também nos ressuscitará com Jesus e nos apresentará juntamente com vocês” (2Co 4.14). Quanto mais isso não é verdade para qualquer outra perda que venhamos a ter! Jó perdeu bens, filhos e saúde e ainda assim, mesmo em grande aflição, foi capaz de confessar: “Porque eu sei que o meu Redentor vive e por fim se levantará sobre a terra. Depois, revestido este meu corpo da minha pele, em minha carne verei a Deus” (Jó 19.25-26). Isso não se

trata de negar ou menosprezar a aflição, mas de agarrar-se a Cristo em meio a ela. Como Lutero colocou poeticamente em outro, o mais famoso de seus hinos: “Se vierem roubar os bens, vida e o lar — que tudo se vá! Proveito não lhes dá. O céu e nossa herança” (Hinário Luterano 165.4).

## **2.4 MARCOS 3.20-35**

O ministério de Jesus iniciado após seu Batismo por João Batista e sua tentação no deserto já se desenrolou por tempo suficiente para que grandes multidões fossem atraídas a Jesus, “de tal modo que nem podiam comer” (Mc 3.20b NAA), e Jesus inclusive já escolheu discípulos para segui-lo mais de perto e serem treinados por ele. Jesus está outra vez em casa e seus familiares veem tudo isso de perto e ficam bem preocupados com Jesus, chegando a pensar que estava fora de si.

Enquanto os familiares de Jesus o tomam por louco, os escribas têm uma conclusão ainda pior, que ele age a serviço do mal. “Ele está possuído de Belzebu. Ele expulsa os demônios pelo poder do maioral dos demônios” (Mc 3.22 NAA). Mas Jesus responde questionando a lógica do que os escribas pensam. Se o diabo anda expulsando o diabo não há muito com o que se preocupar, não é mesmo? Ele vai se destruir sozinho! É claro que Jesus está usando de um recurso de retórico para fazê-los perceber que se não vier um mais forte que o diabo para vencê-lo, então estaremos em sérios apuros. Jesus é aquele que invade o domínio de Satanás para amarrá-lo (Mc 2.27; cf. Ap 20.1-3).

Essa passagem inclui a conhecida referência ao pecado contra o Espírito Santo que não será perdoado. Sempre é oportuno, mesmo que não no sermão, usar a oportunidade para confortar as consciências e ser explícito a respeito desse pecado contra o Espírito Santo, pois isso já tirou a paz de muitas consciências piedosas por medo de já tê-lo cometido inadvertidamente. Mas o

pecado contra o Espírito Santo é a persistente resistência e rejeição à obra do Espírito Santo, que cria e mantém em nós por Palavra e Sacramentos a fé em Jesus através da qual recebemos o perdão dos pecados. Esse pecado é imperdoável pois se trata precisamente de rejeitar a recepção do perdão dos pecados. O fato é que ninguém que tenha cometido esse pecado estará preocupado em tê-lo cometido. Sua atitude será antes de indiferença com relação a isso até que seja tarde demais. Por outro lado, o resultado da ação do Espírito Santo é a de fé confessante, como vimos na epístola: “Tendo, porém, o mesmo espírito de fé ... cremos e, por isso, também falamos” (1Co 4.13).

Mas o que vemos na acusação dos escribas de que Jesus estaria possuído é um dos truques recorrentes do Maligno de chamar o que é bom de mau e o que é mau de bom. Não é assim que ensinamos cristãos são muitas vezes considerados pelo mundo como horríveis? E os sofrimentos do tempo presente são usados pelo demônio para nos fazer duvidar de Deus? Também essa é uma possibilidade homilética para esse domingo. Nesse caso, começar a leitura do Antigo Testamento em Gn 3.1 para incluir o trecho em que o diabo ludibria Eva manipulando palavras pode ser uma boa ideia.

No trecho final da leitura, o foco volta para os familiares de Jesus que, como já dito anteriormente (Mc 3.20-21), estavam procurando chegar a Jesus para levá-lo com eles. Na opinião deles, para protegê-lo. Como não conseguem chegar a ele, alguém avisa Jesus: “Olhe, a sua mãe, os seus irmãos e as suas irmãs estão lá fora, procurando o senhor.” O que leva à belíssima resposta de Jesus: “Quem é a minha mãe e quem são os meus irmãos?” E, olhando em volta para os que estavam sentados ao seu redor, disse: ‘Eis minha mãe e meus irmãos. Portanto, aquele que fizer a vontade de Deus, esse é meu irmão, minha irmã e minha mãe’” (Mc 3.32-35 NAA). O contexto completo do texto faz dessa uma bela oportunidade para falar sobre a obra do Espírito Santo que reúne a família de Jesus através da Palavra de Deus concedendo-lhes o perdão dos pecados. Assim, ao final da perícopes do Evangelho temos o inverso do começo da perícopes do Antigo Testamento. Lá,

uma família dividida e afastada de Deus pelo pecado. Aqui, Jesus apontando à sua volta para a família que ele novamente reuniu para si, que certamente inclui os ouvintes do pregador.

### **3 TEMA COMUM DAS LEITURAS DO DIA**

Deus nos ouve clamando das profundezas do pecado e dessas nossas leves e momentâneas tribulações. Ele não espera que nós subamos até ele, mas ele é que desce até nós através do Evangelho para nos resgatar das profundezas do pecado e através da confissão de fé dos crentes em palavras confiantes e ações de solidariedade para nos assistir nessas nossas leves e momentâneas tribulações. Para nos resgatar das profundezas do pecado, o descendente da mulher invadiu o domínio do Maligno para amarrá-lo e nos levar consigo para mais uma vez estarmos com ele na família de Deus. Essas leves e momentâneas tribulações não podem nos tirar da casa que o Senhor edificou, a família de Deus, e mesmo que a morte nos encontre teremos morada eterna no corpo ressuscitado nos céus quando estaremos, finalmente, de volta ao nosso verdadeiro lar.

### **4 SUGESTÃO HOMILÉTICA**

Esses textos serão pregados em 2024 pouco mais de um mês depois do começo de um dos maiores desastres naturais da história do país, as enchentes no Rio Grande do Sul. A reconstrução do estado, a essa altura, estará em pleno andamento. O tom da abordagem talvez mude dependendo se você pregará onde o desastre aconteceu, quiçá para vítimas da catástrofe, ou a muitos quilômetros do Rio Grande do Sul. Entretanto, devido à magnitude do evento, pregar, talvez até algumas vezes, sobre isso pode ser uma boa ideia, já que as pessoas estarão falando sobre isso. Além disso, da tragédia no Rio Grande do Sul, se o pregador

estiver em outro contexto, pode-se ajudar o ouvinte a fazer pontes com tragédias em sua própria vida, com momentos em que se sentiu clamando das profundezas. A condição de estar em meio ao que Paulo chama de “nossa leve e momentânea tribulação” (2Co 4.17) clamando a Deus das profundezas (Sl 130.1) pode ser o ponto de partida a partir do qual o pregador vai trabalhar. O Evangelho para essa condição é que Deus não fica no seu trono esperando que consigamos peregrinar até ele, mas ele desce a nós trazendo salvação. A salvação das profundezas do pecado (nosso afastamento de Deus) se dá na obra de Cristo amarrando Satanás através da cruz e por isso o Espírito Santo agora vem em Palavra e Sacramentos nos fazer de novo família de Deus. A nossa morada terrestre pode até ser levada por água, vento, fogo ou ladrões, mas a casa de Deus (a família de Jesus) nem o próprio Maligno pode nos tirar. Até porque ele está amarrado, ou seja, limitado nas suas ações ao que Deus permitir para seus próprios propósitos. Nem sempre é fácil entender esses propósitos, mas confessamos a nossa fé em meio às tribulações com palavras de confiança e ações de solidariedade que o Espírito Santo usa para alcançar mais pessoas e continuar aumentando a família de Jesus.

Charles Samuel Voigt Ledebuhr